

OS JOVENS E O CURRÍCULO: ENTRE VOZES, SENTIDOS E ECOS

Los Jóvenes y el Currículo: entre voces, sentidos y ecos

Leia Raquel de Almeida¹

Resumo

O artigo se ancora na pesquisa realizada com jovens estudantes de uma escola confessional, da rede privada de ensino, na modalidade de Educação de Jovens e Adultos, e seus professores. O objetivo foi investigar, através da escuta a esses sujeitos da EJA, suas percepções sobre o currículo por eles vivenciados. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, exploratória, realizada através da análise de documentos, observação do cotidiano escolar, grupo focal com os jovens estudantes e questionário aplicado aos professores. Discute-se o contexto da escola como esfera pública, reflete-se sobre um currículo que se desdobra na articulação de propostas interativas tendo presente as demandas trazidas pela realidade dos estudantes, sem perder a rigorosidade acadêmica. Os achados do estudo apontam para uma valorização das práticas docentes que colaboram para a emancipação dos estudantes. Já em relação aos professores, além de manifestarem comprometimento e gratidão pelo trabalho desenvolvido, apontam que, para além do espaço de socialização, a escola representa a oportunidade de um futuro melhor para os jovens. Com base nisso, o estudo ecoa sobre a potencialidade do currículo da EJA, na customização de propostas pedagógicas significativas a partir da matriz curricular da escola, que não é fechada. Espera-se com esta investigação contribuir para abertura de outros espaços de escuta dos jovens e no desenvolvimento de propostas escolares numa perspectiva curricularmente inteligente.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos, Currículo, Jovens

Resumen

El artículo se ancla en la investigación realizada con jóvenes estudiantes de una escuela confesional, de la red privada de enseñanza, en la modalidad de Educación de Jóvenes y Adultos, y sus profesores. El objetivo fue investigar, a través de la escucha a esos sujetos de la EJA, sus percepciones sobre el currículo por ellos vivenciados. Se trata de una investigación cualitativa, exploratoria, realizada a través del análisis de documentos, observación del cotidiano escolar, grupo focal con los jóvenes estudiantes y cuestionario aplicado a los profesores. Se discute el contexto de la escuela como esfera pública, se refleja sobre un currículo que se desdobra en la articulación de propuestas interactivas teniendo presente las demandas traídas por la realidad de los estudiantes, sin perder la rigurosidad académica. Los hallazgos del estudio apuntan a una valorización de las prácticas docentes que colaboran para la emancipación de los estudiantes. En cuanto a los profesores, además de manifestar comprometimiento y gratitud por el trabajo desarrollado, apuntan que, además del espacio de socialización, la escuela representa la oportunidad de un futuro mejor para los jóvenes. En base a ello, el estudio se centra en la potencialidad del currículo de la EJA, en la personalización de propuestas pedagógicas significativas a partir de la matriz curricular de la escuela, que no es cerrada. Se espera que esta investigación contribuya a la apertura de otros espacios de escucha de los jóvenes y al desarrollo de propuestas escolares desde una perspectiva curricularmente inteligente.

Palabras claves: Educación de Jóvenes y Adultos, Currículo, Jóvenes

¹ (Mestranda do Programa de Mestrado Profissional da UNISINOS, Porto Alegre, RS, Brasil. leiaaraquel.a@gmail.com)

1. Introdução

Quem são os jovens que frequentam a classe de educação de jovens e adultos? O que pensam eles diante das propostas que lhes são apresentadas? Sentem-se inseridos, contemplados, incluídos? Essas e outras questões suscitaram a observação do currículo e da prática pedagógica, desencadeando o presente estudo. Em um tempo em que importantes mudanças acontecem no mundo da educação, nos propusemos a escutar os sujeitos que nela aprendem e se desenvolvem: os jovens. Essa escuta é relatada nesse estudo que versa sobre a temática das juventudes e do currículo focando nos discursos de jovens que frequentam a classe de educação de jovens e adultos buscando sistematizar ecos e proposições para refletir sobre o problema desta pesquisa: *O que pensam os jovens que estudam na EJA sobre as propostas pedagógicas que lhe são apresentadas, o que a escola diz sobre eles e o que eles têm a dizer para a escola?*

A escola que sedia o presente estudo faz parte de uma rede confessional privada, cujas práticas são orientadas pelo seu Projeto Educativo e pelas Matrizes Curriculares que conferem a metodologia e as questões conceituais para a prática pedagógica que, aqui, serão revisitadas. Entre tantas escolas da rede privada pesquisada, optamos por escutar os jovens com idade de 18 a 29 anos que frequentam uma das escolas de Educação de Jovens e Adultos (EJA) mantidas pela rede. A escolha do recorte é especialmente por poder captar as impressões desse público que frequenta a escola e que nesse espaço, constroem e reconstroem seus projetos de vida. Por isso, o presente estudo, objetiva investigar, através da escuta aos professores e jovens, sujeitos da EJA, suas percepções sobre o currículo por eles vivenciados.

Além disso, o presente artigo tem sua relevância demarcada em outros objetivos que lapidam essa investigação: visitar alguns dos conceitos apontados nos documentos que balizam a prática pedagógica; conhecer os discursos produzidos pelos professores a partir das aprendizagens e da participação dos sujeitos-jovens; investigar como os jovens percebem a influência do currículo na constituição de suas identidades e, por fim, colaborar com o nível de assertividade nas propostas pedagógicas através de pistas de reflexão no trabalho com as juventudes.

2. Percurso Metodológico

Esta é uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório que objetivou investigar, através da escuta aos professores e jovens, sujeitos da EJA, suas percepções sobre o currículo por eles vivenciados. Pesquisas qualitativas se caracterizam por possibilitar o estudo das relações, das percepções que são produtos das interpretações que os sujeitos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam (MINAYO, 2010, p.57). É de cunho exploratório, pois conforme Gil (2007), ajuda a compreender através do contato com os sujeitos que tiveram experiências práticas com o problema pesquisado, estabelecer maior familiaridade com ele visando apresentá-lo de forma mais explícita possível.

Para fins de realização desse estudo, definimos como cenário uma escola pertencente a uma rede confessional, que oferece a modalidade de Educação de Jovens e Adultos nas etapas dos Anos Finais do Ensino Fundamental e Ensino Médio, no noturno. A escola que se situa em um bairro na zona leste da cidade de Porto Alegre, apresenta algumas condições de vulnerabilidade social, marcada por índices de violência. No diurno, a escola funciona na

modalidade de ensino regular, atendendo Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Os sujeitos da pesquisa foram os onze jovens (45% meninas e 55% meninos) e seis professores (33% Mulheres e 67% Homens). Foram observados os cuidados éticos conforme prevê a Resolução 510/2016 CEP/CONEP. A instituição autorizou a realização da pesquisa através da Carta de Anuência. Todos os respondentes foram maiores de 18 anos e todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

A produção dos dados foi construída a partir de diversas possibilidades de leitura envolvendo a análise de documentos, a observação do cotidiano escolar, o grupo focal com os jovens estudantes e questionário aplicado aos professores. Na leitura dos documentos institucionais, utilizei os princípios da análise documental².

A observação do cotidiano escolar ocorreu em momentos diferenciados, como festividades, comemorações artísticas e culturais e rotinas, para Pais,

o cotidiano é o que se passa quando nada se passa – na vida que escorre, em efervescência invisível – é porque o que se passa tem um significado ambíguo próprio do que subitamente se instala na vida, do que nela irrompe como novidade (o que se passou?) mas também no que nela flui ou desliza (o que se passa...) numa transitoriedade que não deixa marcas de visibilidade. (PAIS, 2002, p.30)

O grupo focal foi constituído com a participação voluntária de onze jovens, entre eles alguns líderes de turmas e outros que manifestaram interesse em integrar o grupo. Concluído o grupo focal, foi feita a gravação que possibilitou a leitura das diferentes vozes que participaram do grupo. As visões dos jovens reveladas no grupo focal contribuíram como pistas de reflexão e compuseram o questionário dirigido aos professores. O questionário com perguntas abertas foi respondido por seis professores que se dispuseram para tal, revelou o posicionamento dos participantes diante de aspectos que envolvem os jovens e o currículo.

Os resultados obtidos, frutos da gravação do grupo focal e das respostas aos questionários, foram lidos em profundidade e constituíram um quadro que possibilitou a identificação de marcas significativas das falas dos professores e dos jovens.

Para fins de análise, foram triangulados os dados do questionário e do grupo focal, a base teórica e o olhar da pesquisadora, o que resultou nas seguintes categorias: Os jovens e a manifestação das vozes e sentimentos; Os professores e o compromisso com o conhecimento poderoso; A escola numa perspectiva curricularmente inteligente. Essas categorias deram conteúdo para o texto que segue e que descrevem os resultados.

3. Os resultados obtidos através da escuta dos jovens, dos professores e do currículo.

Pesquisar as percepções dos jovens sobre o currículo levou-me a ir até onde os jovens estão, conforme dizia o fundador da escola confessional em questão. E foi lá, no lugar em que eles estão, na escola, que os encontrei disposto a falar e manifestar, através das suas vozes, os sentimentos mais espontâneos que nutrem suas escolhas e seus projetos. Nessa seção, discorro sobre aquilo que foi dito e o que foi sentido nos momentos de fala e de escuta dos jovens estudantes da EJA.

A primeira pergunta problematizada no grupo focal foi de simples, mas importante movimento. Ainda que seja uma pergunta abrangente, captou daqueles “guris e gurias”, num

² Os documentos analisados foram: Projeto Educativo, Matriz Curricular, Regimento Escolar da Instituição pesquisada.

contexto específico, sentimentos complementares. Perguntei a eles o que significa ser jovem. Um deles respondeu e foi muito aclamado pelo grupo, dizendo que “*ser jovem é aproveitar o que a vida fornece*” (JE1,2016)³, outro ainda disse: significa “*muitos aprendizados*” (JE2,2016). Significa “*altos e baixos*” (JE3,2016). Significa “*aventuras – eu vou lá e faço*. (JE3,2016)” Nesta deixa, perguntei sobre o que eles haviam feito de mais inusitados nos últimos meses ou qual foi a aventura que cada um lembrava. Uma das falas provocou as discussões que se seguiram. Disse um deles: “*Eu decidi que não ia passar daquilo e resolvi me inscrever no EJA por indicação de um colega* (JE4,2016)”

Ser jovem para eles significa aproveitar as oportunidades e reagir diante delas, o que os docentes concordam. Vitalidade, poder fazer escolhas, intensidade e experimentar seus limites, foram elementos apontados pelos professores complementando a questão. Um dos conceitos comumente mencionados também apareceu por parte dos docentes: a ideia de que ser jovem depende do ponto de vista, podendo ser explicado pela ótica da idade, ou, pela “*condição comportamental*” (PQ1,2016)⁴.

Eles falam sobre suas histórias de vida sempre que tem oportunidade, pois são constituídos delas, da historicidade, racionalidades, visões de mundo, conteúdos e desejos que nutrem e que os constituem sujeitos. Através da percepção dos jovens escutados, a escola representa uma oportunidade de conhecimento, de saberem coisas que não sabiam antes. Através do contato com os professores, esses descobrem informações, conceitos e elementos que podem ser partilhados em casa, com os familiares.

Os jovens sentem-se valorizados pelo tempo em que os professores planejam suas atividades. Percebem e se encantam pelo fato de não chegarem de mãos vazias. Trazem intenções, textos, fórmulas, métodos. Formas de fazer o ensino que concebem. Na manifestação dos professores, eles percebem a importância de planejar as atividades de forma que encontrem eco na vida cotidiana dos jovens. Percebem a importância da contextualização através também da inserção de temas da sua realidade. Mas não se limitam a isso. Um dos professores questionados, responde que, presenciar os momentos de aprendizagem e descobertas com os estudantes é um feito único e gratificante. “*Fazer um aluno entrar a primeira vez no Museu que é público, ter momentos de formação, fazer com que eles se sintam valorizados*”. (PQ2, 2016)

Na observação ao ambiente escolar, percebi o envolvimento dos professores nas atividades culturais extraclasse e, até mesmo, algumas manifestações das falas, revelando o quanto percebem que os estudantes gostam destes momentos informais. Dentre as formas de melhor aprender, os jovens destacam os debates, as intervenções dos professores nas construções em grupo, “*ajudando a fazer maquetes e cartazes*” (JE9,2016), questionando durante as construções. E os professores confirmam isso destacando a importância dos debates e da resolução de exercícios. Dizem também sobre a importância do conteúdo articulado às vivências deles.

Na minha compreensão, trata-se da oportunidade legitimada de desenvolver o conhecimento poderoso, proposto com Young (2007). Os professores percebem que os estudantes estão sedentos por aprender. E estes docentes têm a capacidade e o compromisso de ensinar. Isso não ocorre de forma mecânica, mas articulada com o contexto, sem

³ A partir deste momento serão utilizados recortes dos questionários respondidos pelos professores. Para melhor guiar os leitores, farei uso do seguinte código: PQ1 onde PQ significa Professor Questionado, cuja identidade será preservada, seguido de um número que se refere à singularidade de cada participante.

⁴ A partir deste momento serão utilizados recortes dos questionários respondidos pelos professores. Para melhor guiar os leitores, farei uso do seguinte código: PQ1 onde PQ significa Professor Questionado, cuja identidade será preservada, seguido de um número que se refere à singularidade de cada participante.

determinismo, problematizando e propondo novos conceitos, diferentes saberes que lhes conceda elementos suficientes para compreender a realidade representando, inclusive, possibilidade de intervenção sobre ela.

Os professores, sustentados pelos princípios e conceitos que desenvolvem, através do trabalho que realizam, acreditam estar contribuindo para a tomada de decisão por parte dos jovens, pois relacionam conteúdo do corpo disciplinar com o conteúdo do cotidiano, das rotinas e necessidades deles. Os professores têm consciência de que, quanto mais abrem espaços coletivos e democráticos na sala de aula, tanto mais evidenciam sua postura como intelectuais transformadores, oportunizando debates e problematizações que transcendam os conceitos disseminados pelo senso comum e viabilizando um conteúdo emancipador.

Na observação da rotina, pude constatar o envolvimento dos gestores na vida dos jovens e de suas famílias. Fatos como ajuda a construir um currículo vitae, mediação nos processos de inscrição ao ENEM, vestibulares ou concurso público, ou ainda, atendimento individualizado com as famílias que partilham problemas que transcendem as situações cotidianas do ensino e aprendizagem, me levaram a conhecer alguns dos posicionamentos dos coordenadores, orientadores e da direção, que vai além do escopo de suas funções. Essa envolve a todos num exercício que contribui para a emancipação dos jovens.

Estes aspectos apontados aproximam o contexto da escola pesquisada com uma instituição que busca ser curricularmente inteligente, conforme conceito proposto por Leite & Fernandes (2010), na medida em que envolve todos os sujeitos numa interação promovida pelas propostas interna e externas que visam a melhoria da qualidade da educação. E, neste cenário, os professores influenciam sobremaneira a construção desse cenário. Nesta perspectiva, Leite & Fernandes (2010) defende que os professores têm uma ação importante e, muitas vezes, definitiva no currículo, na medida em que contextualizam seus significados.

A sala de aula é considerada potente, pois reconhecemos, como Leite (2003), que a “participação activa dos educadores e dos educandos em reflexões sobre os valores presentes na sociedade e nas diversas actuações” (LEITE, 2003, p. 51), contribui para a melhora das diferentes aprendizagens, problematizando situações reais do cotidiano nas rotinas pedagógicas e na prática educativa. Conforme afirmam as autoras, esse é o grande “desafio que se coloca aos professores na actualidade, o de partilhar o ‘acto de ensinar e de fazer aprender” (LEITE; FERNANDES, 2010, p. 200). Por isso, é importante retomar as condições de ensino dos professores, dando condições para a prática reflexiva na escolha de metodologias que contribuem para a melhora das aprendizagens de todos os envolvidos, incluindo a formação continuada e as mudanças curriculares.

Por fim, renova-se a relevância da ida à campo, com a intenção de conhecer as práticas pedagógicas a fim de credibilizar a escola, dando visibilidade para a voz de jovens desejanter de espaços de fala e de professores comprometidos com o ato de ensinar, como mediadores dos processos significativos e emancipatórios.

Conclusão

Os jovens conseguem perceber – ainda que não verbalizem – que o currículo vai além dos conteúdos, perpassa pelas relações e interações da comunidade. Por isso, sentem-se inseridos nas propostas desenvolvidas e expressam sua gratidão e respeito pelos professores e pela equipe diretiva. Dá para compreender que a percepção do currículo está na forma com que a escola se comunica com eles, através das possibilidades e experiências de cada um para com a escola. Quando solicitei que dissessem uma palavra sobre o sentimento de estar nesta escola, responderam: “Gratidão; igualdade, inenarrável, união, responsabilidade, gratidão,

gratidão, felicidade, oportunidade, respeito”. A escola faz sentido para eles. E eles, complementam a proposta dessa escola. Instituição que se assume como *esfera pública* (GIROUX, 1987) de direitos no que tange a democratização do acesso ao conhecimento e as leituras de mundo que possibilita.

Do olhar pesquisador de quem observou e presenciou momentos de formação dos professores entrevistados, reflito sobre a necessidade de ampliar a compreensão de uma Matriz Curricular que não está fechada, que precisa de rigorosidade acadêmica, planejamento intencional, com objetivos coerentes e que tal organização é possível de ser completada ou construída a partir das vivências e dos contextos, sem limitar às experiências vividas, mas no caminho de propor novos horizontes e outras possibilidades de evolução acadêmica e profissional. Tal movimento de “customização” das práticas educativas legitimam a potencialidade do currículo da EJA, transformando a escola num espaço socializados, humanizador, de práticas escolares capazes de produzir conhecimento poderoso através de um currículo que faça sentido na vida dos jovens e dos professores que o desdobram.

Referências

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n. 24, set/dez, p. 40-52, 2003.

DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo. Juventude e ensino médio: quem é este aluno que chega à escola. In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (Orgs.). Juventude e Ensino Médio: diálogo, sujeitos, currículos. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

GIROUX, Henry. Escola crítica e política cultural. São Paulo: Correz, 1987.

GOODSON, Ivor F. Currículo: teoria e história. Petrópolis: Vozes, 1995.

LEITE, Carlinda; FERNANDES, Preciosa. Desafios aos professores na construção de mudanças educacionais e curriculares: que possibilidades e que constrangimentos? In: Rev. Educação, Porto Alegre, v.33, n.3, p.198-204, set./dez.2010.

LEITE, Carlinda. Para uma escola curricularmente inteligente. Porto: Edições. ASA, 2003.

PAIVA, J.; MACHADO, M.M.; IRELAND, T. (Org.). Educação de jovens e adultos: uma memória contemporânea (1996-2004). Brasília, DF: UNESCO/MEC, 2004.

YOUNG, Michael. Para que servem as escolas? Educ. Soc., Campinas, vol. 28, n.101, p.1287-1302, set./dez.2007. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>.

MINAYO, M.C. de S. O desafio do conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12ª Edição. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 2010.

PAIS, José Machado. Sociologia da Vida Quotidiana: Teorias, métodos e estudos de caso. Lisboa : Instituto de Ciências Sociais na Universidade de Lisboa, 2002.

SPOSITO, Marilia Pontes. Juventude e educação: interações entre a educação escolar e a educação não-formal. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 33, n. 2, jul.-dez., p. 83-97, 2008.